



REFLEXÕES E PRÁTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

REFLECTIONS AND PRACTICES FOR A TRANSFORMATIVE EDUCATION

Gabriela Massarra Santos Heine

Doutoranda pelo PPGFil-PUCSP

gabimassarra@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as potencialidades educacionais presentes nas reflexões dos escritos de Nietzsche a respeito do silêncio, o voltar a si mesmo e a importância de observar o “eu” (*Ich*) em relação ao “si mesmo” (*Selbst*), relacionando ao pensamento de Foucault sobre as relações do sujeito com as práticas consigo mesmo. Nietzsche enfatiza a importância de os mestres cuidarem de si antes de guiá-las outras pessoas e para ele a escrita não deve ter como objetivo melhorar a humanidade, mas permitir autonomia crítica ao indivíduo. Foucault, por sua vez, aborda as relações entre poder/saber e subjetividade, considerando a problemática do cuidado de si. Tomamos como base deste trabalho a figura do mestre e os desdobramentos na filosofia de ambos os filósofos enquanto potência criativa que permite fazer uma investigação sobre como fazemos e pensamos a educação.

Palavras-chave: Educação, Cuidado de si, Transformação.

Abstract

This paper aims to analyse the educational potential present in Nietzsche's writings on silence, introspection, and the importance of observing the “I” (*Ich*) in relation to the “self” (*Selbst*), in relation to Foucault's thinking on the subject's relationship with self-related practices. Nietzsche emphasises the importance of masters taking care of themselves before guiding others, and for him, the purpose of writing is to allow critical autonomy to the individual rather than to improve humanity. In turn, Foucault addresses the relationship between power, knowledge, and subjectivity, considering the issue of self-care. This work is based on the figure of the master and the developments in the philosophy of both thinkers as a creative force that enables us to explore how we approach education.

Keywords: Education, Self-care, Transformation

1. Introdução

O presente artigo propõe como objetivo de estudo analisar as perspectivas existentes ao que tange a educação, sob as reflexões de Nietzsche a respeito do silêncio, o voltar a si mesmo e a importância de observar a relação eu e si mesmo, ligando esse aspecto do percurso nietzscheano ao pensamento de Foucault sobre as relações entre subjetividade e as práticas consigo mesmo. No contexto desta análise, buscamos identificar como o pensamento de Foucault recolhe a filosofia de Nietzsche, em especial, segundo a relação mestre e discípulo e pretendemos relatar como as ideias de ambos os filósofos contribuem para uma prática educacional emancipadora.

Pensar uma educação emancipatória e transformável permite investigar como estes problemas repercutem no processo educacional dos indivíduos. Nietzsche proporciona uma análise do indivíduo na figura do mestre e discípulo em diversos escritos e minha proposta é mapear como esta relação perpassa a filosofia de Foucault ao trazer o cuidado de si como ponto de partida, principalmente no diálogo de Sócrates e Alcibiades. Ultrapassando as reflexões acerca da concepção de poder e a crítica as estruturas de dominação, este trabalho tentará mostrar como ambos os pensadores questionam as normas estabelecidas, incentivando a reflexão crítica, a transformação constante e a busca ininterrupta por novas formas de “liberdade individual”.

2. O discurso de Nietzsche

Para Nietzsche todos seus mestres usavam a educação grega para mostrar erudição. Educar em termo de Helenismo é bem complicado porque desde Isócrates, no *Contra Sofistas*, propunha-se outra educação. Se o mestre é cego e se faz de vidente, ele não serve para a educação. Logo, os mestres incapazes de cuidar de si mesmos não podem guiar outras pessoas. Nietzsche valoriza a pausa longa e o silêncio (parte fundamental para *Zarathustra*) em momentos cruciais. Os filósofos e companheiros procuravam no bosque o silêncio, para uma meditação sobre os estabelecimentos de ensino. A imagem do solitário faz alusão ao eremita. A ideia de silêncio se contrapõe com a tagarelice.

No prefácio do *Ecce Homo*, Nietzsche se descreve como sendo um sátiro, que levanta questões a exemplo dos homens que se denominam virtuosos e que se esqueceram da verdadeira virtude, essas questões podem ser resultado do seu tempo de eremita, que caminhava em silêncio, percebendo a si mesmo e a sua volta.

Não sou, por exemplo, um espantalho, um monstro moral – sou antes uma natureza contrária à espécie de homens que, até agora, se veneraram como virtuosos. Aqui só para nós, parece-me que isto se ajusta precisamente ao meu orgulho. Sou um discípulo do filósofo Dioniso, prefiro ser um sátiro a ser um santo. (NIETZSCHE, 2008, p. 7)

Em seus escritos ele relata que não pretendia escrever para melhorar a humanidade, a fim de levantar novos ídolos, talvez poderíamos aprender com os ídolos e nos permitir uma autonomia crítica para vivermos perante o nosso próprio olhar, descobrir e distinguir a verdade da ficção e principalmente o ideal social exposto como verdade, quanto na realidade pode ser uma mentira conveniente. O caminho em busca da sabedoria, pode ser solitário “É preciso estar preparado para as alturas, de outro modo o perigo de aí enregelar não é

pequeno" (Ibidem), assim como a filosofia permite uma "vida voluntária no meio do gelo e nas altas montanhas, a procura de tudo o que é estranho e problemático na existência, de tudo o que até agora foi banido pela moral" (Ibidem), esta experiência permite aprender a examinar as causas a partir do que foi moralizado e idealizado.

Nietzsche faz uma análise histórica da moral e denuncia a incompatibilidade entre esta e a vida. Em outras palavras, sob o domínio da moral, o ser humano se enfraquece, tornando-se doentio e culpado. Torna-se preciso experimentar o contrafluxo e cuidar para não perder o ânimo. "Quanta é a verdade que um espírito suporta, quanta é a verdade a que ele se aventura?" (Ibidem). O erro não seria a cegueira, mas a covardia em não buscar a verdade, todo passo para o conhecimento resulta da coragem, da dureza contra si mesmo, da integridade para consigo, é possível pensar em Nietzsche que não se trata da busca da verdade pela verdade, mas se permitir outros olhares, efetivar o perspectivismo.

Segundo Nietzsche, chega um momento no caminho para o conhecimento, que os discípulos devem se afastar dos seus mestres, amar seus inimigos como o odiar seus amigos para poder procurar seus próprios caminhos estando em contato com os dois polos, o amigo que falaria o que gostaria de ser ouvido e o inimigo que falaria o que não gostaria de ouvir. Pode-se pensar também que o mestre que subestima o discípulo e que deseja em vê-lo sempre assim, da mesma forma o discípulo que não se desvincula do seu mestre, seriam indivíduos decadentes, cuja potência não seria aumentada.

Nietzsche se considerava perito em questões de *décadence*, ele se via como um decadente em ângulo, "que toda terra se eleva a um lugar de cura" aqui percebemos a terra doente, porém para Nietzsche se é doente também pode curar, pode transformar. O cheiro assim como o silêncio é percebido como uma chave, um sexto sentido, se tem um bom aroma tem a experiência de uma nova esperança como consequência de um novo cheiro.

Deixando de lado o facto de ser um decadente, sou igualmente o seu contrário. A minha prova disso é que, entre outras coisas, escolhi sempre intuitivamente os meios corretos nas piores condições; ao passo que o *décadent* em si escolhe sempre os meios que lhe são nocivos. Como *summa summarum*, eu era saudável; como mero ângulo, como especialidade, era decadente (NIETZSCHE, 2008, p. 14)

Um ser doente não se torna saudável, mas quem é saudável, estar doente pode ser um estímulo de mais vida, o período da enfermidade pode permitir saborear o que realmente importa, fazer uma autoavaliação e neste momento de baixa vitalidade e instinto de auto estabelecimento permitir que nos afastemos de uma filosofia da pobreza e do desânimo.

Existiria em Nietzsche uma química dos encontros como em Espinosa, que para descobrir quais experiências favoreceria um aumento de potência, seria preciso experimentá-los e o que fosse nocivo utilizaria em sua vantagem, daqui surgiria a máxima o que não nos mata, nos torna mais fortes. Como aprendizado destes bons e maus encontros experimentados em vida descobrimos intuitivamente a partir de tudo o que vemos, ouvimos e vivemos como um princípio seletivo, assim deixamos de lado muitas coisas. Para se sentir realizado é preciso deixar ir o que pesa na estrada da vida, como a culpa e o ressentimento. Saber esquecer é importante para que possamos seguir em frente, aprender com o que pesou na vida e se tornar mais leve e depreendido, se permitir a novos ânimos, esse talvez seria um caminho rumo a liberdade, viver sem tantas expectativas e cobranças.

Se alguém me faz uma maldade, «desforrome», pode disso ficar certo: encontro sem demora uma oportunidade para expressar meu agradecimento ao malfeitor por vezes, até pela ofensa, ou para lhe pedir algo, o que pode ser mais compulsivo do que dar algo. (NIETZSCHE, 2008, p. 18)

No quinto aforismo de *Porque sou tão sábio*, Nietzsche recorre aos conceitos de retaliação e direitos iguais “A minha espécie de retaliação consiste em retribuir tão depressa quanto possível a uma palavra estúpida um dito inteligente”, é possível perceber que não se trata em recorrer a lei de Talião, mas reagir aos estímulos com cautela, guardar para o momento certo, uma pessoa que reage a uma ofensa a todo tempo, se mostra sempre na defensiva tende a gastar energia desnecessariamente.

Porém o silêncio neste caso pode se tornar inconveniente “o silêncio é uma objecção, a ingurgitação produz necessariamente um mau carácter, arruína o estômago. Todos os que se calam são dispépticos.” Talvez se encontre nesta passagem a importância de deixar ir o que incomoda, estar quite o bastante e forte para progredir e ir além, que pode significar um novo começo ou voltar atrás novamente.

O problema do ressentimento deve ser visto como algo fisiológico e não moral, nesta passagem os ensinamentos de Buda são citados como exemplo e discorre que a vitória para o ressentimento é libertar dele a alma.

2. Pensamento de Foucault sobre as relações do sujeito com as práticas consigo mesmo

O pensamento de Foucault sobre as relações entre sujeito e verdade, a partir do conceito de cuidado de si, proporciona reflexões necessárias ao pensar a educação. Tomemos como ponto de partida a relação de mestre discípulo entre Sócrates e Alcibíades como

fundamento da primeira e segunda aula no curso *A hermenêutica do sujeito*. Dentre os três diálogos quando Platão apresenta Alcibíades, o diálogo com o seu próprio nome, discorre sobre o jovem Alcibíades com pretensões políticas, buscando mostrar suas competências para governar outras pessoas.

Ao questioná-lo, Sócrates percebe que seus adversários se encontram mais preparados que ele e retoma o conselho delfico na perspectiva do conhecimento de si como forma de conhecimento sábio e necessário.

Alcibíades promete cuidar de si e da justiça, mas Sócrates temia que o Estado e suas condutas pautadas por questões políticas e sociais fossem uma grande ameaça para a realização da promessa de Alcibíades.

No diálogo do *Banquete*, Alcibíades aparece embriagado e esbravejando por ter descuidado de si em prol de cuidar de Atenas. Esta narrativa do caso de Alcibíades, nos permite refletir possibilidades do cuidado de si na educação. O processo de formação pedagógico, por vezes, perpassa por caminhos tortuosos, atrelado de pensamentos e comportamentos insensíveis à educação, como o fascismo, o controle, o dogmatismo, a docilização dos corpos, caminhos estes que atacam diretamente a educação enquanto um processo de subjetivação.

A noção do cuidado de si (*epiméleia heautoū*) foi pouco explorado na historiografia da filosofia, no entanto este conceito ganha relevo no sentido acrescido no período helênico no qual se entende como “cultura de si”, ou seja, aquela que se desenvolve e se pratica. É neste sentido de identificação que queremos entender o ensino aprendizagem.

É importante ressaltar o equilíbrio em que o cuidado de si (*epiméleia heautoū*) deve relacionar com o conhecimento de si (*gnōthiseautón*). Não temos aqui apenas uma relação de união, mas também de subordinação, é por meio do cuidado que uma pessoa tem consigo mesma que ela aumenta o seu conhecimento sobre si, ocasionando a sua transformação. Não existe, no entanto, cuidado sem conhecimento e nem conhecimento sem a transformação do ser.

O cuidado de si constituiu, no mundo greco-romano, o modo pelo qual a liberdade individual - ou a liberdade cívica, até certo ponto - foi pensada como ética. Se se considerar toda uma série de textos desde os primeiros diálogos platônicos até os grandes textos do estoicismo tardio - Epíteto, Marco Aurélio... -, ver-se-á que esse tema do cuidado de si atravessou verdadeiramente todo o pensamento moral. É interessante ver que, pelo contrário, em nossas sociedades, a partir de um certo momento - e é muito difícil saber quando isso aconteceu -, o cuidado de si se tornou alguma coisa um tanto suspeita. Ocupar-se de si foi, a partir de um certo momento, denunciado de boa vontade como uma forma de amor a si mesmo, uma forma de egoísmo ou de interesse individual em contradição com o interesse que é necessário ter em relação aos outros ou com o necessário sacrifício de si mesmo (FOUCAULT, 2006, p. 267).

O cuidado de si é como um conhecimento e um retorno de si que ao voltar para si, produz efeitos libertadores. Esse processo desencadeia uma reciprocidade do ato de ensino-aprendizagem, onde a liberdade de ser do mestre interpela e é inquirida pela construção ativa e singular das liberdades do discípulo, e que podemos entender aqui o mesmo processo na relação professor e aluno, objetivando proporcionar neste processo educativo, uma experiência de vida para uma vida não fascista, “o cuidado de si é uma espécie de aguilhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (FOUCAULT, 2010, p. 9).

Pensando na ação transformadora do cuidado de si, esta deve ser percebida como uma conversão do olhar para si, do exercício. Deste modo, o docente não será apenas um mestre do cuidado, mas também aquele que participa constantemente do processo de ensino aprendizagem, aquele que ao cuidar, proporciona que outro se constitua indivíduo singular na sociedade.

Mas não podemos deixar de perceber, que o exercício transformador do cuidado de si, necessita de tempo, experiência e a sua prática deve vir associada ao cuidado mútuo, não individualizada. A prática do cuidado de si, é um processo de ruminar os aspectos proporcionados pelo conhecimento de si, mas que sejam digeridos e solidificados pela experiência.

Considerações Finais

Existe no que tange ao discurso sobre mestre e discípulo em Nietzsche e Foucault uma potência criativa que permite uma investigação sobre como fazemos e pensamos a educação. Foucault ensina que é necessária uma verdadeira conversão do olhar, assumindo por exemplo como agentes parresiastas de nosso tempo, nos permitindo subjetivar por certas verdades que escolhemos, desde que não reprimam a nossa individualidade.

Ou seja, compreendemos que a “verdade” é uma realidade deste mundo, mas somos constantemente convocados a nos envolver em algum conflito. Esse conflito não se resume apenas a adquirir consciência ou a criticar furiosamente tudo o que nos é imposto, mas sim a nos engajarmos efetivamente ao lado daqueles que lutam contra as restrições e limitações que nos cercam no nosso momento histórico, estando atentos aos perigos deste tempo. Mas qual o propósito disso? É nos tornarmos transformáveis e afastarmos dos fanatismos.

Ao nos engajarmos em um sistema de conflitos, voltamos a nossa atenção para as práticas mais sutis, para os eventos mínimos, dentro de um campo de práticas e conhecimentos, como o campo pedagógico. O cuidar de si mesmo e a coragem de dizer a verdade são artes do pensamento e da experiência do outro.

Segundo Laval (2020), Foucault considera as suas pesquisas uma experiência utópica que tem um objeto (analisa as experiências da história), um objetivo (produzir uma alteração entre o saber e o poder) e um efeito subjetivo (se transformar). Podemos pensar que Foucault tinha a intenção de compartilhar a sua experiência de alteração com o exercício das possibilidades do saber. Visto que a riqueza da filosofia não deveria ser em filosofar para legitimar o que sabemos, mas a sua magnificência se encontra no exercício que o filosofar nos proporciona, que seria perceber formas diferentes de se pensar e viver.

A noção de experiência alteradora existente no cuidar de si e dizer a verdade, permite investigar, diferentes formas de educar, analisar e, acima de tudo, produzir a nós mesmos. Reconhecemos que há escolhas ético-políticas a serem feitas todos os dias e não tememos a emergência da verdade e a nossa aderência a ela, que se manifesta no espaço dinâmico criado entre nossas escolhas intelectuais e estéticas a nós mesmos, como diria Deleuze um “afeto de si por si” (1991, p. 108). Neste sentido, temos um modo diferente de abordar e vivenciar o conhecimento e a subjetividade, certamente se relacionam com o poder e o saber, mas vão além dessa subordinação. Estão além dos jogos de poder e saber, pois, se trata, principalmente, de uma relação consigo. É a partir desta relação genuína consigo mesmo que podemos falar verdadeiramente sobre a arte de si e de moléculas de resistência.

Desta maneira, adotamos uma forma de existência que desafia as forças que se travessam em nosso percurso educacional. Essas resistências se transformam em reexistências, sendo reformuladas, ressignificadas, refeitas, reinventadas e reelaboradas. São maneiras de existir que vem a educação não como um momento isolado ou um rito passageiro em nossas vidas, mas sim como parte intrínseca da própria vida. São processos que nos acompanham ao longo de nossa existência que por sua vez não ocorre de forma isolada, mas sim em sociedade.

Desta forma, nós construímos e colaboramos para que os outros também se tornem seres singulares e cooperadores de vidas que não sejam fascistas, individualizadoras e repressoras. Ao contrário, buscamos vidas que estejam abertas ao aprendizado da convivência, da reciprocidade, da afirmação de si mesmo, do prazer e da responsabilidade de existir no mundo, tanto consigo mesmo quanto com os outros.

Por isso é preciso praticar o devir criança para exprimir os impulsos, e resistir contra os valores impostos e contra a doença da preguiça de viver. Uma vida medíocre é feita de valores que impedem nossas criações. Os homens criaram valores contrários a vida. Afirmar a vida como uma superação, é caracterizar os valores nobres, é transformar todo ato em ação criadora é reinventar a si mesmo, como sendo capaz de dar forma a si mesmo e esta forma não tem uma característica fixa. O homem deve aprender a modelar sua vida e ser o escultor ao mesmo tempo. Saber criar permite libertar-se do sofrimento.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**: curso dado no Collège de France (1981 – 1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petropólis: Editora Vozes, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo. Como se chega a ser o que se é**. Tradução: Artur Morão. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2008.

LAVAL, C. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. São Paulo: Ed. Elefante., 2020.

Data da submissão: 30 Abr 2025.

Data do aceite: 01 Ago 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).